



Anais da IX Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675-1127) – 07 a 09 de outubro de 2024 – Centro Universitário São Lucas – Porto Velho

A PATOLOGIZAÇÃO DA TRANSGENERIDADE

André Benjamin Ayres Barboza, Centro Universitário São Lucas Porto Velho,
benjaminayres6@gmail.com

Weidila Nink Dias, Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
weidilanink@gmail.com

INTRODUÇÃO. A noção conceitual de patologia constituiu o pano de fundo sobre o qual se estruturou o discurso médico. Mas esse discurso, tão frágil quanto insustentável, tem apresentado inconsistências importantes, resultantes de movimentos ético-políticos mediante os quais aparecem furos na malha de controle ideológico. Reconhecendo a importância de avançar nessa discussão, no sentido de repensar epistemologias, este trabalho discute a patologização da transgeneridade e suas implicações na vida de pessoas transgênero. Fundamenta-se, inicialmente, na inquietação suscitada pela obra *Dysphoria mundi* do filósofo Paul B. Preciado (2022), para articular, em um segundo momento, produções teóricas sobre patologização e disforia de gênero. **OBJETIVO.** O objetivo deste estudo é discutir sobre a patologização da transgeneridade, os processos sociais e biopolíticos mediante os quais ela acontece, seus impactos e suas implicações na vida de pessoas transgêneros. **MATERIAL E METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo teórico-reflexivo, de abordagem qualitativa, que se apoia nas discussões sobre patologização e disforia de gênero. Ancora-se na produção teórica de Preciado (2022), Grade et al. (2019), Bagagli (2016) e outros. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A identidade de uma pessoa, quando se sente em desacordo com as normas de gênero que a sociedade lhe impôs, é descrita como transexualidade. Por exemplo, se alguém nasce com o sexo biológico masculino, mas sente que é mulher, pode se identificar como uma mulher transexual. A crença comum de que o sexo biológico de uma pessoa (como homem ou mulher) deve corresponder à sua identidade de gênero (como ela se percebe) é desafiada por esta ideia. No livro *Eu sou o monstro que vos fala*, Paul B. Preciado (2022) aponta que o discurso médico e psiquiátrico tem dificuldade de lidar com corpos que a princípio não podem ser atribuídos ao feminino ou masculino. A sociedade sugere que a normalidade se encontra



Anais da IX Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675-1127) – 07 a 09 de outubro de 2024 – Centro Universitário São Lucas – Porto Velho

quando a pessoa se identifica com o seu gênero biológico, e, quando não se identifica, encontra formas de não a aceitar ou de buscar estratégias clínicas e tecnológicas na tentativa de mudá-la. Uma forma que esse discurso encontrou de fazer com que os indivíduos transgênero se encaixem perante as suas regras foi a patologização da transexualidade. A Classificação Internacional de Doenças (CID) classificou a transgeneridade como Transtorno de Identidade Sexual. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), usado por profissionais da saúde para diagnosticar problemas de saúde mental, define como disforia de gênero o sofrimento que combina depressão, ansiedade, irritabilidade e a sensação de não se sentir confortável com o próprio corpo. Considerando o alcance desses instrumentos e o uso deles como ferramenta de poder biopolítico, ao definir o que é normal ou anormal, especialmente quando se trata de transexualidade, tais diagnósticos trazem impactos profundos, especialmente ao condicionar o acesso às modificações corporais a um atestado de patologia. Assim, torna-se evidente que a patologização da transexualidade é uma forma de exercício de poder, que caminha ao lado da tentativa de padronização das formas de ser e existir. Torna-se crucial, nesse cenário, o questionamento proposto por Preciado (2022): e se “disforia de gênero” não for um transtorno mental, mas antes uma inadequação política e estética de formas de subjetivação em relação ao regime normativo? Nesse caso, pode-se responder, rotular como patológico a saída da lógica binária, quem não se identifica com o sexo biológico e, conseqüentemente, com a forma de existência imposta arbitrariamente, é de fato um exercício deliberado de silenciamento, de controle e, acima de tudo, de violência, sustentada, contraditoriamente, no suposto saber/poder do discurso médico. **CONCLUSÃO:** As pessoas transgênero são identificadas como aquelas em desacordo com as normas de gênero da sociedade contemporânea. Por meio da patologização, essa sociedade tenta a todo custo enquadrá-las em um binarismo, mudar suas roupas, seus trejeitos, seus corpos, ou seja, suas existências. O discurso da patologização da transgeneridade mostra-se, nesse sentido, como uma ferramenta arbitrária de exercício de poder e conformação. Mas ao invés de alcançar a homogeneização, as condições descritas como disfóricas anunciam um novo regime de saber, uma nova forma de existência. *Dysphoria Mundi*. Na escrita deste resumo ocorreram algumas dificuldades como a falta de material que correlacione patologização e transgeneridade, o que evidencia a falta de notoriedade sobre esse assunto na literatura acadêmica. Recomenda-se mais



Anais da IX Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675-1127) – 07 a 09 de outubro de 2024 – Centro Universitário São Lucas – Porto Velho

estudos sobre o tema, a fim de pensar novas epistemologias que tornem mais possível a aproximação das ciências da saúde com saberes disfóricos.

Palavras- chave: Transgeneridade; Patologização; Disforia.